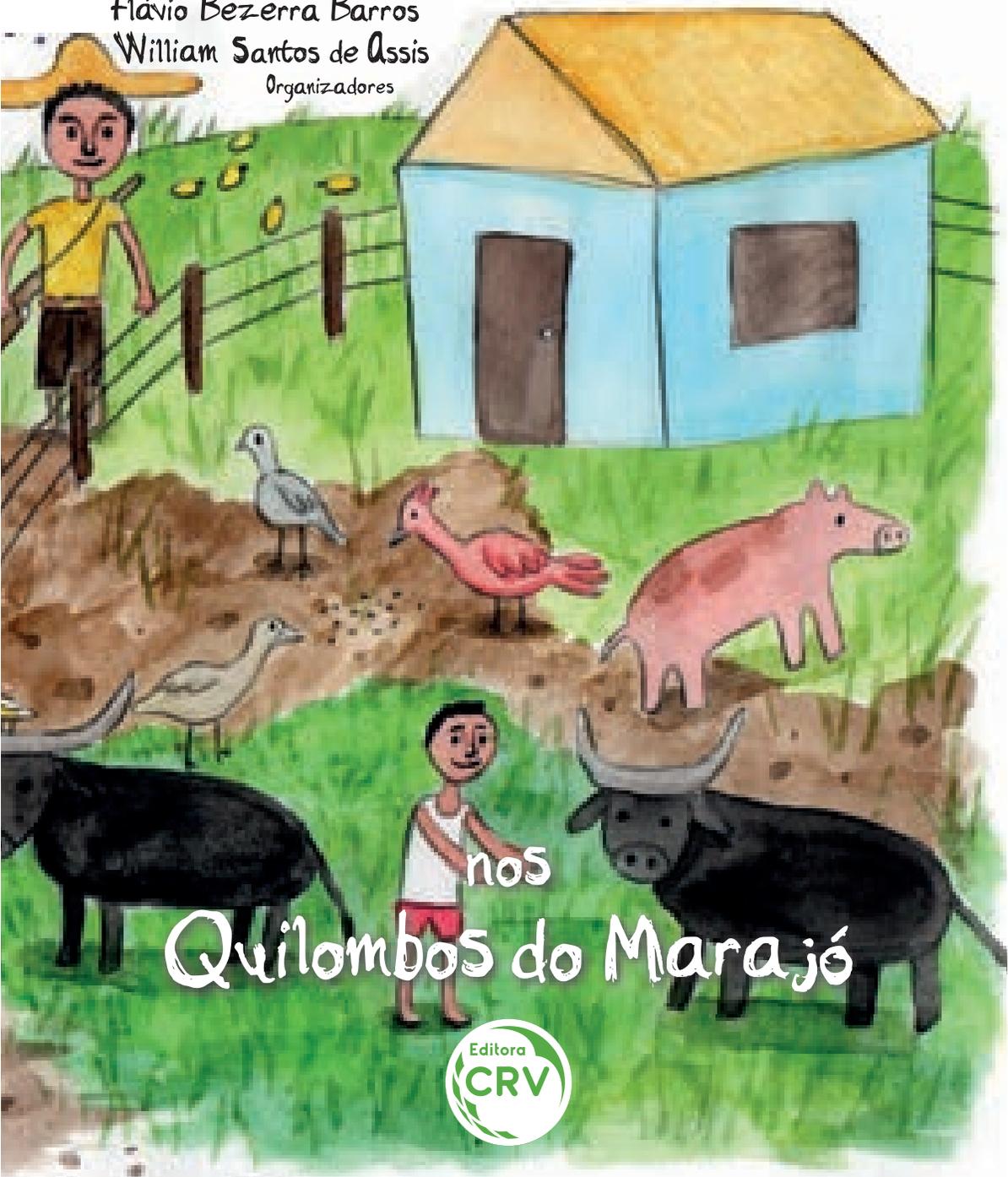


CADERNO DE ATIVIDADES
AGROBIODIVERSIDADE
para comer, ser feliz e ter saúde

Flávio Bezerra Barros
William Santos de Assis
Organizadores



nos
Quilombos do Marajó



CADERNO DE ATIVIDADES
AGROBIODIVERSIDADE
para comer, ser feliz e ter saúde

Flávio Bezerra Barros
William Santos de Assis
Organizadores

nos
Quilombos do Marajó



CADERNO DE ATIVIDADES

AGROBIODIVERSIDADE

para comer, ser feliz e ter saúde

nos

Quilombos do Marajó

ORGANIZAÇÃO

Flávio Bezerra Barros
William Santos de Assis
Bruno Rodrigo Carvalho Domingues
José Artur da Costa Castilho
Fernanda Vera Cruz de Oliveira
Rodrigo Mateus Sampaio Leão
Ana Paula Medeiros de Moura
Maíra Fernanda Tavares de Melo
Maycom Douglas Ferreira Nascimento
Israel Martins Araujo
Tayara Silva Costa

CAPA BASEADA NOS ORIGINAIS DE
Augustinho, Geydison, Larissa
e Elenilton, alunos dos quilombos
Pau Furado e Bairro Alto, Salvaterra - PA

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C121

Caderno de atividades – Agrobiodiversidade: para comer, ser feliz e ter saúde nos Quilombos do Marajó. / Flávio Bezerra Barros, William Santos de Assis (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.
64 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-444-1947-2

DOI 10.24824/978854441947.2

1. Educação 2. Interdisciplinar 3. Caderno de atividades 4. Agrobiodiversidade
I. Barros, Flávio Bezerra. org. II. Assis, William Santos de. org. III. Título IV. Série.

CDU 37

CDD 338.1

577

370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação 370

**ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!**



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br



Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica

Reitor

Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor

Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Edmar Tavares da Costa

Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural - NCADR

Diretor-Geral

Flávio Bezerra Barros

Diretora Adjunta

Noemi Sakiara Miyasaka Porro

Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas - PPGAA

Coordenador

William Santos de Assis

Vice-Coordenadora

Laura Angélica Ferreira-Darnet

Universidade Federal do Pará
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural
Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade,
Sociedade e Educação na Amazônia - BIOSE
Núcleo de Estudos em Agroecologia - AJURI

EQUIPE

EDITORES-CHEFE

Flávio Bezerra Barros
Docente do NCADR/UFPA

William Santos de Assis
Docente do NCADR/UFPA

TEXTO E REVISÃO

Bruno Rodrigo C.
Domingues
Graduando em Ciências
Sociais/UFPA — Bolsista
PIBIC/CNPq

**TEXTO E
DIAGRAMAÇÃO**

José Artur da Costa
Castilho
Graduando em Ciências
Biológicas/UFPA
— Voluntário

ILUSTRAÇÕES

Fernanda Vera Cruz de
Oliveira
Rodrigo Mateus Sampaio
Leão
Graduandos em Artes
Visuais/UFPA

APOIO

Maycom Douglas F.
Nascimento
Graduando em Pedagogia/
UEPA – Bolsista PIBIC/
CNPq/UFPA

Ana Paula Medeiros de
Moura
Graduanda em Direito/
UFPA — Bolsista PAPIM

Maíra Fernanda T. de Melo
Mestre em Antropologia/
UFPA

Israel Martins Araujo
Graduando em
Ciências Sociais/UFPA
— Voluntário

Tayara Silva Costa
Graduada em Ciências
Biológicas/UFPA —
Bolsista PET

APRESENTAÇÃO

Em 2013 o Sr. Teodoro Lalor de Lima, popularmente conhecido como “Seu Lalor”, foi assassinado em Belém porque, na condição de liderança quilombola, em Cachoeira do Arari (Ilha do Marajó, Pará), denunciava à sociedade e ao Estado as arbitrariedades, malvadezas e horrores protagonizados por fazendeiros e arroteiros. Estes agentes vêm expandindo suas ações perversas neste território que é o maior arquipélago flúvio-marinho do mundo. Ceifar a vida de Seu Lalor foi claramente um ato de covardia. Tive o privilégio de conhecer este homem sensível, observador e amante da natureza que fazia aliança com formigas para elas não devorarem sua roça de mandioca. “Eu sei que vocês gostam de comer minha mandioca, mas esperem elas produzirem. Eu vou dividir com vocês, vou dar pra vocês também”, dizia seu Lalor às formigas. Feita a promessa de compartilhamento da mandioca, os insetos não estragavam mais a plantação. Relatou-me a história num certo dia em que nos encontramos em Belém.

Muitos Lalôs vêm tombando porque querem viver em paz em seus territórios sagrados, rezando suas ladainhas, respeitando os seres encantados, pescando nos rios gigantes, botando suas roças pra produzir farinha, caçando os bichos do mato, buscando açaí nas florestas, festejando seus santos, enfim, reproduzindo suas tradições, sem medos, cercas e venenos. Morrem porque, não concordando com a forma de apropriação ilegal e desastrosa da terra pelos poderosos, partem para a luta, que nada mais é do que uma luta pela sobrevivência. A reprodução da vida entre os povos e comunidades tradicionais, em particular entre os quilombolas de Pau Furado e Bairro Alto, em Salvaterra/PA, tem como fundamento o bem viver; assim, as matas, as terras, furos, igarapés, rios, caças e plantas úteis não são mercadorias, como o agronegócio defende, mas a própria vida desses agentes sociais que reivindicam direitos de acesso e uso. Os tempos são sombrios, mas há esperança! E a escola pode ser um espaço de luta e visibilidade.



Este caderno de atividades, intitulado “Agrobiodiversidade para comer, ser feliz e ter saúde nos quilombos do Marajó”, é a tradução de um exercício que exprime resistência, trabalho em equipe, diálogo de saberes acadêmicos e tradicionais, transdisciplinaridade, inclusão, agroecologia e diversidade como princípios de sustentabilidade. A ideia do caderno surgiu a partir do Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica (PAPIM), iniciativa chancelada pela Universidade Federal do Pará via Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Contou ainda com a parceria do Núcleo de Estudos em Agroecologia AJURI, o qual recebeu auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via edital Nº 29/2014.

O material didático que ora apresentamos, com imenso regozijo, traduz uma construção levada a cabo por muitos cérebros, mãos, pernas, olhares, de lá - as crianças, jovens, idosos, pais e professores/as das comunidades e escolas dos quilombos; e de cá - os/as estudantes, bolsistas, pesquisadores/as, que trocaram ideias, aprendizagens e reflexões até chegarmos a esse caderno, que não representa de maneira alguma o fim do percurso. Certamente haverá falhas, mas uma verdade deve ser dita: nos esforçamos para contorná-las! O caderno, agora voltado à realidade quilombola do Marajó, é a continuação de uma série que iniciou com o primeiro volume, dirigido às comunidades ribeirinhas da região insular de Abaetetuba/PA. A ideia deu certo por lá e quisemos repetir a dose!

Para construirmos esse recurso didático, foram dias a fio analisando e problematizando a concepção de currículo das escolas, as práticas docentes presentes em sala de aula, ouvindo os pais, conhecendo as histórias, aprendendo a cultura quilombola local. Saímos em busca dos livros didáticos adotados, estudamos a Lei 11.645/2008 para sabermos se a mesma tem sido cumprida, ou seja, se as temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena são contempladas no seio da escola. Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, obviamente, nos iluminaram nessas jornadas. Findo todo esse caminhar, temos este singelo caderno, para que as crianças, famílias, professores e professoras dos quilombos do Marajó e de outras partes da imensa Amazônia possam ensinar e aprender Matemáticas, Geografias, Histórias confrontando concepções escolares e marajoaras, exercitando o que se conhece como Ecologia de Saberes, teoria que defende a ideia dos conhecimentos situados, diversos, múltiplos e todos fundamentais à vida. Não cabe, em pleno curso do século XXI, as crianças serem alfabetizadas na via do ba, be, bi, bo, bu.

Cada detalhe do caderno foi minuciosamente pensado. As ilustrações, por exemplo, foram elaboradas com primor por dois estudantes de Artes Visuais da UFPA, engajados no movimento negro e contagiados por sensibilidade incontestável. Participaram da pesquisa de campo com a equipe, andaram nas roças, ajudaram na feitura de farinha...A capa, de beleza esplendorosa, é uma recriação baseada nos desenhos originais das crianças do lugar. A Capivarinha, eleita pelas crianças e adultos a narradora das histórias é, ao mesmo tempo, quem comanda as atividades presentes no caderno. Uma inovação, idealizada pelos bolsistas do projeto, foi a inclusão de atividades para crianças com deficiência; por isso, não ache estranho a presença da linguagem brasileira de sinais.

Os temas que permeiam o caderno são a alimentação saudável e a valorização das tradições locais, por isso, emerge a noção de agrobiodiversidade, um conceito novo que significa valorizar a diversidade de plantas cultivadas e silvestres e animais criados e selvagens que são úteis aos seres humanos para a alimentação, construção de casas, fabricação de utensílios domésticos, preparação de remédios etc. Mas temas inerentes à identidade, luta, história e memória, dentre tantos outros, estão contidos neste livro lúdico, mágico e inspirador. Esse recurso, longe de ser um guia ou um livro didático convencional, é para ser usado, colorido, compartilhado, reinventado. É uma alternativa àquele livro padrão que vem de longe e pouco dialoga com a Amazônia. Os/as professores/as podem ressignificá-lo junto às crianças; criar outros cadernos, com auxílio dos pais, dos avós, de toda a gente que mostrar interesse por um empreendimento desse tipo.

Por fim, mas não menos importante, agradecemos a todos e todas, em especial ao povo de Pau Furado e Bairro Alto, que nos acolheu em seus lares compartilhando espaços, comidas, redes, tempos e ensinando sobre seus modos de vida, angústias, sofrimentos, lutas e também suas festas, histórias, receitas... Várias surpresas aguardam você nas páginas do "Agrobiodiversidade para comer, ser feliz e ter saúde nos quilombos do Marajó". Desejamos uma excelente experiência. Boa jornada!

Flávio Bezerra Barros + William Santos de Assis
Professores do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da UFPA.

PREFÁCIO

O Marajó é conhecido por suas belezas naturais, encantarias e tradições. “Agrobiodiversidade para comer, ser feliz e ter saúde nos Quilombos do Marajó” é um Caderno de Atividades que quando a gente lê, sente a felicidade do olhar diante de tantas belezas marajoaras e da Amazônia ali traduzidas.

O Caderno de Atividades é uma partilha de saberes, uma viagem no espaço-tempo marajoara em que se sente os cheiros das matas e os sabores das coisas da terra, se (re)conhece cantos e recantos do maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo. A história, as lendas e encantarias fazem com quem é do lugar se reconheça, e quem não é vai querer conhecer.

Abayomi, boneca poetizada no Caderno de Atividades, sintetiza a força da luta e resistência de quilombolas do Marajó, de negros e negras que presentificam a história e a memória de um povo. A publicação oportuniza o encontro da ancestralidade africana das Abayomi com as lendas amazônicas da Tororomba e outras mais. Lindo de (re)ver e de (re)ler nossas raízes afro-brasileiras.

“Encontro precioso”, significado de Abayomi em lorubá, é o que representa o Caderno de Atividades “Agrobiodiversidade para comer, ser feliz e ter saúde nos Quilombos do Marajó”: um (re) encontro precioso de culturas e diálogos de saberes, que possibilita às crianças, adolescentes, jovens e adultos, mais do que a leitura da palavra, uma leitura de mundo, como dizia nosso Mestre Paulo Freire.

Mais do que se apropriar de conteúdos da Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia ou outros campos do conhecimento, a leitura e escrita no Caderno de Atividades transborda valores de respeito à diversidade e solidariedade, afirma identidades. O resgate da memória da comunidade a partir de entrevistas de pessoas mais velhas; a educação em saúde pelo (re) conhecimento e (re) valorização das plantas, bichos, seus usos para o bem-estar, são alguns dos pontos altos desse educativo e lúdico material didático, que presentifica a (re) valorização da história e da cultura local com leveza e beleza.

É afirmar e reafirmar: a diversidade existe, devemos e precisamos aprender a respeitar, valorizar, conviver com iguais e diferentes de nós. Sim, temos direito às matas, à caça, aos rios, às tradições, à alimentação saudável e tantos mais. Sim, temos direito à ancestralidade. Sim, somos quilombolas!

A ludicidade com que os conteúdos e valores são abordados, faz da aprendizagem uma aventura pedagógica em que os saberes são revestidos de prazeres; a rotina da vida que parece tão mecânica e repetitiva, faz do cotidiano um processo educativo bonito de ver, ler, escrever e viver.

A linguagem tipicamente paraense faz do Caderno de Atividades um material pedagógico pai d'égua, em que saberes e culturas são pilares para um processo educativo de base interdisciplinar.

Representar a escola pelo desenho e o convite a colorir é uma oportunidade de pintar em cores o significado dessa instituição educativa tão importante na formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos, para o pleno exercício da cidadania, principalmente num momento em que no Brasil a luta por garantia de direitos é cada vez mais presente e urgente.

Ritmos marajoaras, do tempo de plantar e de colher, de cantar e dançar, de chover e fazer sol nas nossas estações, de contar histórias e lendas e encantar, de produzir e consumir, de fazer farinha e tucupi, de cozer e comer, dão o tom do passo e compasso da nossa gente nos quilombos do Marajó.

A afirmação de identidades, da resistência e de lutas, do direito à educação, à diversidade, aos saberes e sabores, à terra e às águas, às matas e seus encantos, à cultura, é a principal lição que o Caderno de Atividades nos traz, fazendo da infância, adolescência, juventude e maturidade tempos de ser e conviver, ensinar e aprender.

O convite que o Caderno de Atividades nos faz, é que pela felicidade do que os olhos veem e do que as mãos podem (re)escrever, as interações na convivência humana que esse material pedagógico nos oportuniza, recontemos nossa ancestralidade e história, vivamos em comunhão entre iguais e diferentes, em que conflitos cedam lugar à diálogos e assim o mundo seja melhor, do jeito bonito de ser e viver nos campos e quilombos do Marajó.

Jacqueline Cunha da Serra Freire
Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB)

OI, GENTE! ESTÁ TUDO BEM
COM VOCÊS?

O POVO DA MATA
ME CHAMA DE CAPIVARA
E EU ESTOU MUUUUITO
FELIZ POR TE CONHECER!



CHAME SEUS IRMÃOS,
SEUS PAIS E SEUS
AVÓS TAMBÉM!
TODOS JÁ ESTÃO
CONVIDADOS PARA
BRINCAR E APRENDER MUITO
NA NOSSA JORNADA!

OI, TUDO BEM?

Este é o seu caderno de atividades e ele foi elaborado com muito carinho para que você possa se divertir e aprender bastante! O primeiro passo antes de começar a sua jornada pelos Quilombos do Marajó é identificar o seu caderno.

SUA ESCOLA: _____

SUA COMUNIDADE: _____

SEU NOME: _____

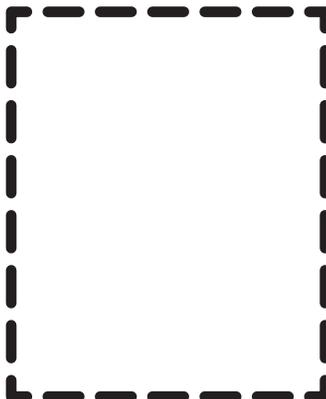
SUA IDADE: _____ SUA SÉRIE: _____

SUA PROFESSORA OU PROFESSOR: _____

NOME DA SUA MÃE:

NOME DO SEU PAI:

VOCÊ AQUI
(FAÇA UM DESENHO SEU
OU COLE UMA FOTO)



OI, TUDO BEM?

Os quilombos são lugares fantásticos! Nossas comunidades possuem muitas riquezas naturais e é habitada por gente que tem muitas histórias para contar.

A sua aventura pelos quilombos do Marajó já começa com um desafio! Entreviste seus pais e outras pessoas mais velhas da sua família sobre a história do nosso lugar. Você pode utilizar o roteiro de perguntas abaixo!

Qual o nome da sua comunidade
e por que ela recebeu esse nome?

Quem foram os primeiros moradores da sua comunidade?

Em que ano você começou a viver aqui?

Qual foi a maior mudança que aconteceu
na comunidade desde que você chegou?

Faça um desenho da sua escola e dos lugares por onde você passa pra chegar nela. Não se esqueça de colorir!



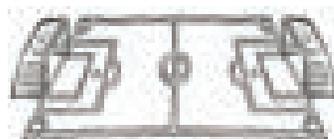
Circule os lugares que estão próximos à sua casa:



IGREJA



ESCOLA



ARENA DE FUTEBOL

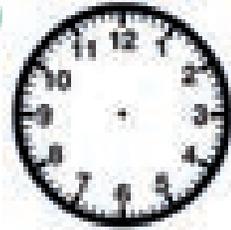
TIC TAC TIC TAC

Todos nós precisamos ter horários bem definidos para realizar todas as atividades do nosso dia. Temos a hora de acordar, a hora de tomar banho, a hora de estudar, a hora de brincar e a hora de comer, também.

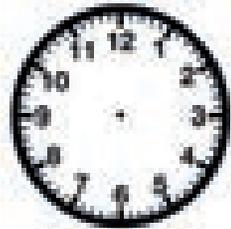
O nome destas atividades que fazemos todos os dias é ROTINA e é muito importante que você tenha uma rotina para se tornar uma pessoa responsável e bem organizada!

Peça ajuda a seus pais e construa a sua própria rotina diária.
Acerte os ponteiros do relógio de acordo com as suas atividades e refeições.

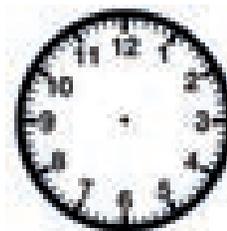
ACORDAR



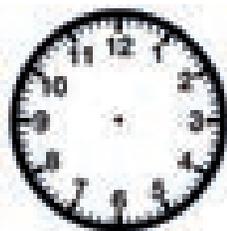
TOMAR BANHO



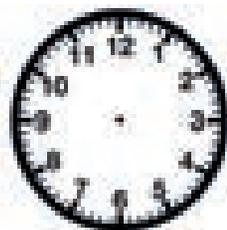
CAFÉ DA MANHÃ



ALMOÇO

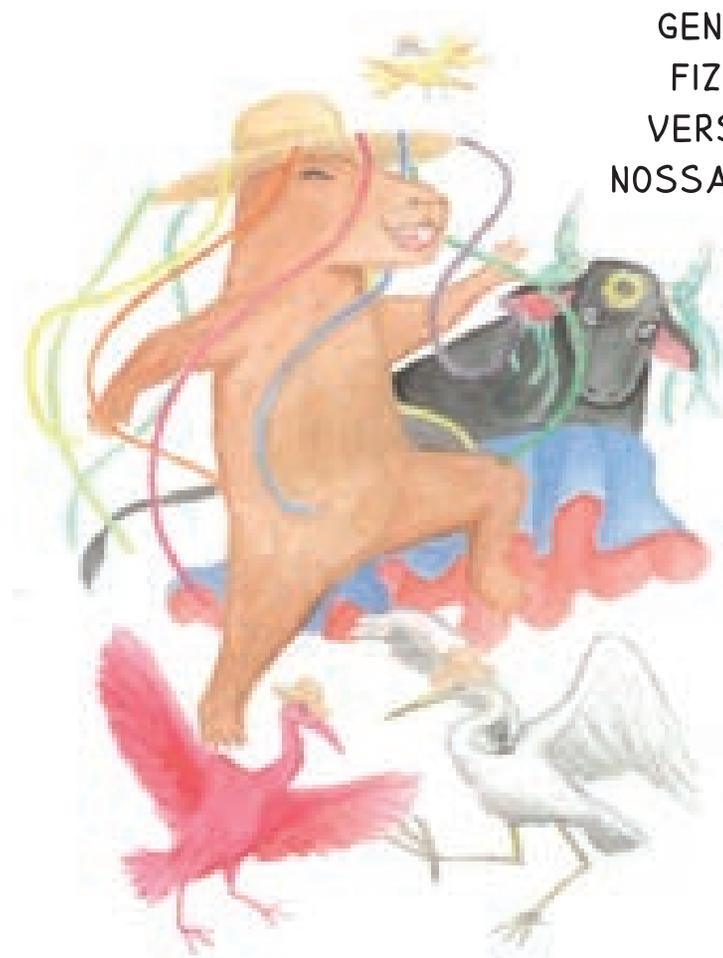


LANCHE



PASSEI PELO QUILOMBO
PAU FURADO E OLHA
SÓ O QUE EU DESCOBRI!
AS CRIANÇAS DE LÁ
FIZERAM UMA PARÓDIA
MUUUUUUITO BACANA!

QUE TAL SE A
GENTE TAMBÉM
FIZER ALGUNS
VERSINHOS PARA
NOSSA COMUNIDADE?



Copinho de suco no café ou na sobremesa
 No Pau Furado tem de monte
 Olha que beleza!
 Vem com a comunidade falar de alimentação

Tem manga e açaí
 Tem muito bacuri
 Melancia, acerola
 E também abacaxi

Vou cantar no Pau Furado que gosto de piquiá
 Que é tão gostoso aquele ingá
 Eu tomo suco de caju
 Como cupuaçu
 Tem luta "pra chuchu"
 Eu vou contar...

Inspirado na melodia da música "Como faz com ela",
 da cantora Marília Mendonça

Viram o quanto ficou pai d'égua nossa paródia? Agora, encontre no
 caça palavras os nomes das frutas mencionadas na música

P	C	O	I	H	D	C	L	R	O	S	A	B
B	U	T	O	A	T	X	Y	D	P	L	C	A
N	P	I	Q	U	I	A	H	A	Ç	A	I	C
C	U	O	M	C	J	L	B	E	R	F	U	U
R	A	W	V	X	A	C	D	A	S	Ç	C	R
R	Ç	K	Z	Q	B	J	N	V	C	P	A	I
I	U	I	N	G	A	T	U	Q	P	A	B	L
T	F	R	P	W	P	I	Q	U	I	A	X	C
D	S	X	R	T	J	P	W	Z	C	D	F	I
E	A	T	A	L	Y	Z	B	P	Ç	T	S	O

AS CORES DO NOSSO PRATO

Você já reparou que cada alimento possui uma cor?



A acerola é alaranjada



O abacaxi é amarelo



O açai é roxo

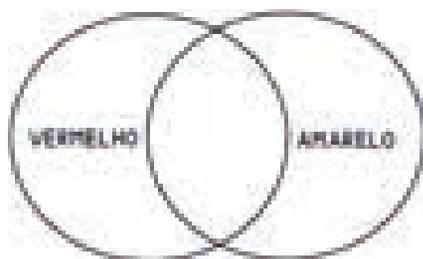


Por dentro, o melão é branco



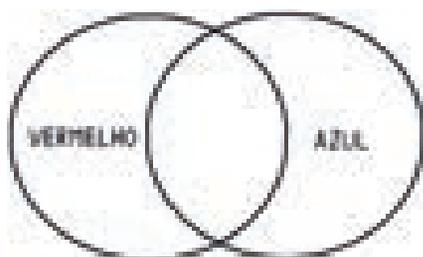
Cada cor representa uma PROPRIEDADE dos alimentos.
Propriedade é tudo aquilo que a comida pode nos oferecer de bom.

Misture as cores pintando os círculos abaixo e complete a frase ao lado com o nome da cor resultante:



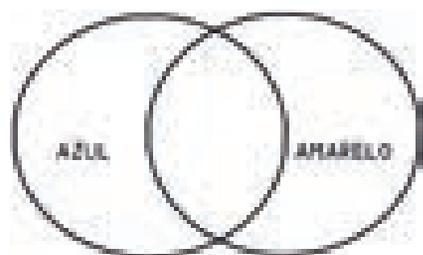
ALIMENTOS DA COR

FAZEM BEM PARA OS OLHOS E
PARA A PELE



ALIMENTOS DA COR

AJUDAM A COMBATER DOENÇAS
DO CORAÇÃO



ALIMENTOS DA COR

LIMPAM AS SUBSTÂNCIAS RUINS
DO NOSSO CORPO

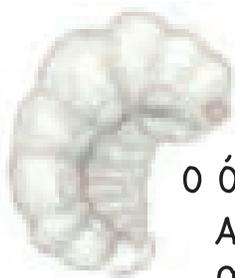
OS REMÉDIOS DO MEU QUINTAL



AQUI PELA COMUNIDADE TEM VÁRIAS PLANTINHAS E BICHINHOS QUE A GENTE PODE USAR PRA SARAR MUITAS DOENÇAS E FERIDAS. VAMOS PENSAR NAS QUE A GENTE MAIS CONHECE E TEM EM CASA OU PERTO DE CASA E COLOCAR NO QUADRO AO LADO?

Nome da planta ou nome do bicho	Desenho	É bom pra que?

OUTRO REMÉDIO
PAI D'ÉGUA É O
ÓLEO DO BICHO!
VOCÊ CONHECE?



O ÓLEO DE BICHO É FEITO
A PARTIR DO BICHINHO
QUE VIVE DENTRO DA
SEMENTE DO TUCUMÃ



É BOM PRA QUÊ?

VOCÊ SABE ME DIZER?



PRA EXTRAIR O ÓLEO,
É PRECISO FRITAR
VÁRIOS BICHINHOS, DEPOIS,
É SÓ ENGARRAFAR E USAR
QUANDO FOR PRECISO!



E PANEMA, TEM CURA?



SABE QUANDO A GENTE SE SENTE MEIO TRISTINHO? MEIO DE CABEÇA PRA BAIXO? A GENTE ATÉ TENTA FAZER AS COISAS, MAS SÓ TEM AZAR...

POIS É, ANDANDO PELA COMUNIDADE EU DESCOBRI QUE ISSO TEM NOME, É PANEMA.

VAMOS DESENHAR O QUE A GENTE PODE USAR PRA TIRAR ESSA COISA QUE DEIXA A GENTE MEIO MOLE, COM AZAR? PODE PEDIR AJUDA PARA O PAPAI, PARA A MAMÃE, PARA A VOVÓ, PARA A FAMÍLIA TODA!



A LENDA DA TOROROMBA

VOCÊ SABE QUEM É A
SAPA TOROROMBA?



NÃO?!!

ENTÃO CHEGA MAIS QUE
EU VOU TE CONTAR UMA
HISTÓRIA QUE EU APRENDI LÁ
NO QUILOMBO BAIRRO ALTO!

Já dizia minha vovó que lá na ponte que vai pro Marinquara, aquela que corta o rio Matupirituba vive uma sapa encantada. Essa sapa mágica protege a cabeceira do rio que tem sua nascente bem pertinho da ponte e protege também os animaizinhos que vivem perto de lá.

Meu vô disse que toda vez que passamos pela ponte, temos que pedir licença pra sapa mágica que é “dona” da cabeceira, se não, ela pode malinar a gente, caso não respeitarmos ela e a natureza! A sapa da tororomba gosta muito de silêncio e de respeito. Ele disse também que “Toda cabeceira tem um dono” e a sapa mágica é a dona da cabeceira da ponte da tororomba.

Aí você deve estar
se perguntando...

Por que esse
nome TOROROMBA?



Bem, vovó me disse que é por causa do barulho que a água faz quando cai na cabeceira... Um estrondo... “Torom... torom...” E a última coisa que eu sei sobre a tororomba, é que ela se apresenta de várias cores. Azul, amarela, branca, rosa...

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

“A PRODUÇÃO DA FARINHA”

Vocês sabem como é que se faz a farinha que a gente come todos os dias? A produção da farinha é uma atividade muito comum e bem legal das nossas comunidades na Ilha do Marajó. Chegou a vez da família do Chico utilizar a casa do forno. Vamos acompanhá-los nesta tarefa? Temos alguns quadrinhos em branco, bora completar juntos?



Logo cedo o pai de Chico sai rumo a roça para colher as mandiocas!



Mandiocas colhidas, hora de colocá-las de molho. Podemos fazer isso em um igarapé ou em um camburão.

Mas cuidado! Não se pode lavar todas elas, senão a farinha fica palha!

Desenhe as mandiocas de molho neste quadro.



Hora de descascar as
mandiocas que não ficaram
de molho e lavá-las
em seguida.



Em seguida, a mãe
de Chico tritura as
mandiocas com a ajuda
de um triturador.



Agora precisamos lavar a
massa da mandioca e coar
esta massa com a ajuda de
um pano e de um balde.
Desenhe neste quadro
a mãe de Chico lavando
a massa.



Precisamos agora separar o tucupi da goma! Desenhe esta etapa no quadro aqui do lado! O tucupi em um balde e a goma no outro!



Hora de levar a massa para o tipiti!



Agora é hora de peneirar a massa que acabamos de tirar do tipiti! Desenhe o Chico peneirando a massa e não se esqueça de separar a crueira para fazer um mingau bem gostoso!

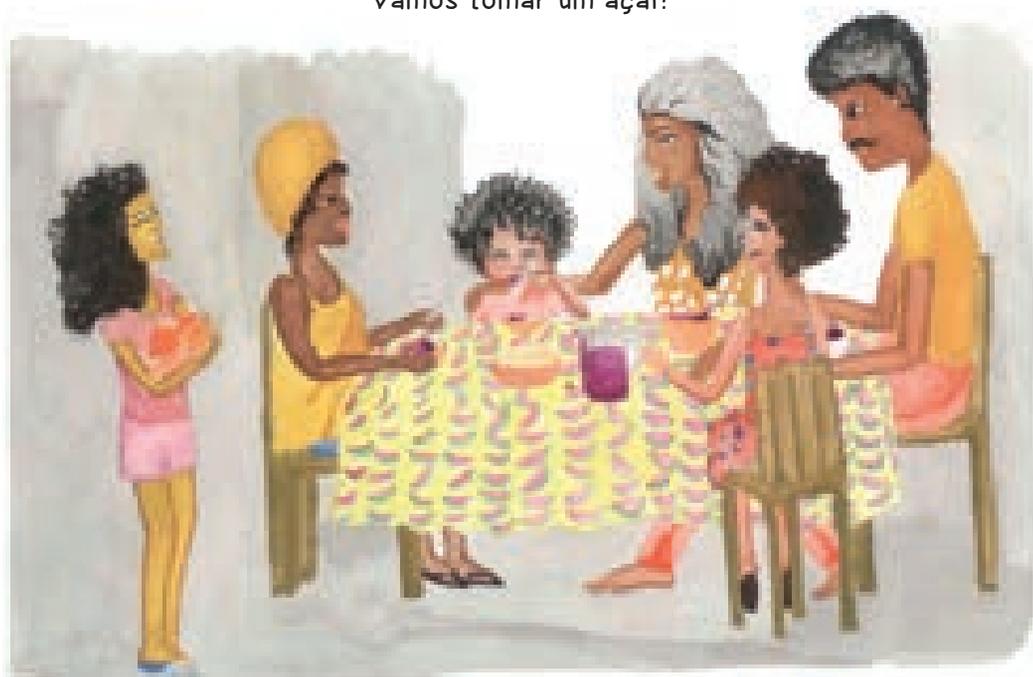


Com a massa peneirada,
vamos começar a
torrar a farinha!

Desenhe a massa
espalhada no forno!

Galerinha, essa é a fase que exige maior experiência e atenção pois são muitos os detalhes para um processo bem sucedido: intensidade do fogo, rapidez no mexer, a quantidade de massa por lote, o ponto certo da farinha.

Pronto, farinha feita!
vamos tomar um açaí?



TODOS NÓS TEMOS DIREITO A UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A COMIDA QUE VEM DAS MATAS, RIOS E QUINTAIS DE NOSSOS QUILOMBOS, ALÉM DE SEREM O PRODUTO DE NOSSAS BOAS RELAÇÕES E CUIDADOS COM A TERRA TAMBÉM SÃO INDISPENSÁVEIS PARA NOSSA VIDA NELA!

POR ESSAS RAZÕES É QUE PODEMOS DIZER QUE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL É UM DIREITO DE TODO O SER HUMANO!



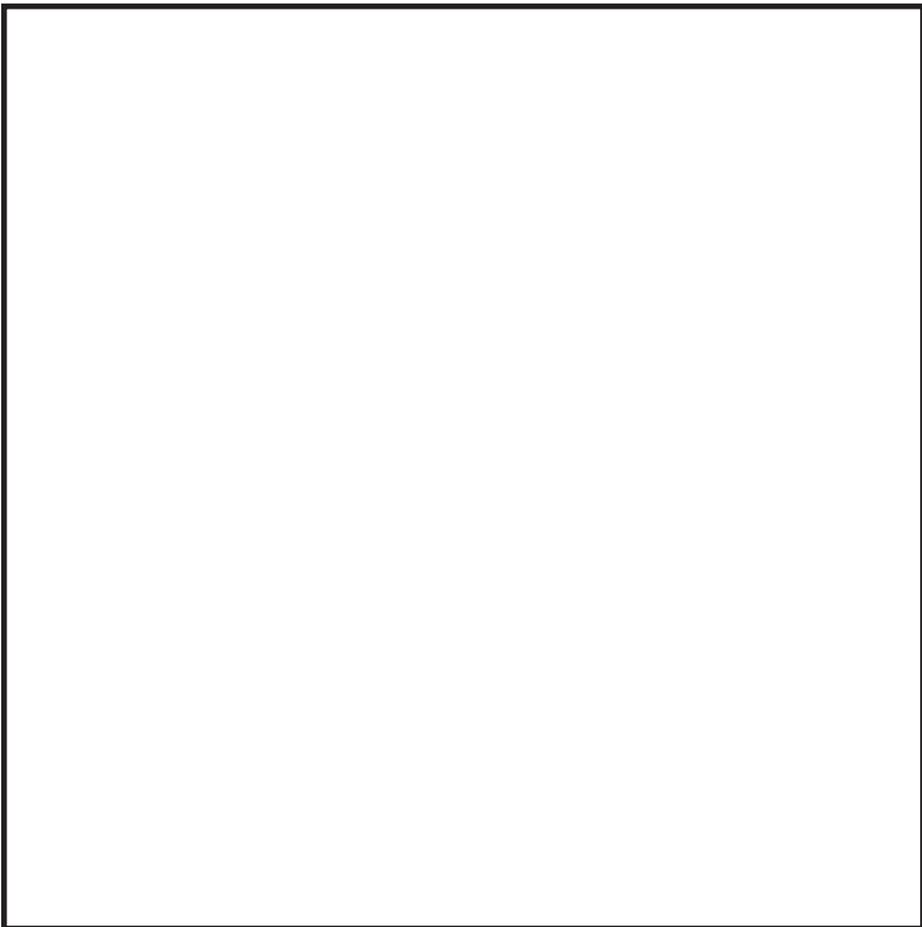
A COMIDA QUE VEM DA MATA E DO RIO



AS CARNES DE CAÇA

Como todos nós já sabemos, os animais de caça são consumidos como alimento pelas nossas comunidades e eles são importantes fontes de proteína animal. Nossos caçadores conhecem as melhores formas de capturar cada espécie que vive por aqui!

Mas quais animais de caça são esses? Quais são as carnes que você mais gosta de comer? Liste ou desenhe aqui embaixo!

A large empty rectangular box with a black border, intended for the student to list or draw the types of game animals and meats they prefer.

NÓS E O RIO

Estamos de volta com a segunda atividade sobre de onde vem nossa comida.

Que tal falarmos agora da alimentação que vem do rio?

Leia o nome dos alimentos e diga quantas sílabas estas palavras possuem!



TURU

_____ sílabas



CAMARÃO

_____ sílabas

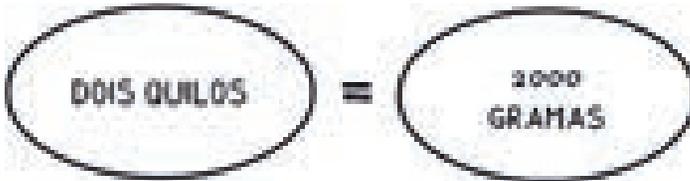


CARANGUEJO

_____ sílabas

VAMOS PENSAR JUNTOS?

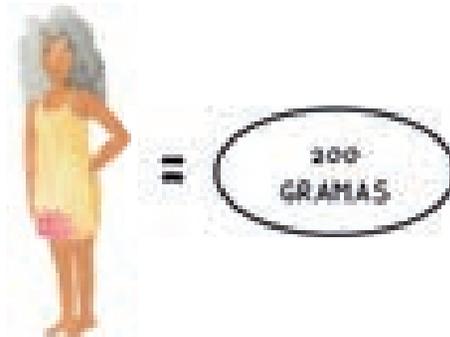
Dois quilos de peixe equivalem a 2000 gramas



e Dona Francisca vai cozinhar para QUATRO pessoas



Se cada pessoa consegue comer até 200 gramas de peixe...



... quantos gramas de peixe ela precisará comprar para alimentar seus convidados?

R:



E ESSAS FRUTAS TÃO DIFERENTES SÓ
PODIAM VIR DE ÁRVORES QUE TAMBÉM SÃO
MUITO DIFERENTES ENTRE SI!

ESSAS ÁRVORES ESTÃO NA MATA
FECHADA, NAS NOSSAS ROÇAS,
NAS ESTRADAS...

CADA ÁRVORE TEM O SEU PRÓPRIO TEMPO
PARA FRUTIFICAR, ISSO QUER DIZER QUE
EM CADA ESTAÇÃO DO ANO NÓS TEREMOS
FRUTAS DIFERENTES PARA SABOREAR



NO NOSSO ESTADO, AS ESTAÇÕES DO ANO
SÃO DIVIDIDAS ENTRE UM PERÍODO CHUVOSO
E UM PERÍODO MAIS SECO,

EM OUTRAS PALAVRAS, ESSES PERÍODOS
SÃO O NOSSO INVERNO E O NOSSO VERÃO

MESES DE INVERNO	MESES DE VERÃO
Dezembro	Junho
Janeiro	Julho
Fevereiro	Agosto
Março	Setembro
Abril	Outubro
Maior	Novembro

Agora que já sabemos mais sobre as estações do ano na nossa região, vamos montar um gráfico de frutas!

Antes disso, peça ajuda aos seus pais e preencha o quadro abaixo com as frutas típicas de cada mês!

MÊS	FRUTAS DA ÉPOCA
JANEIRO	
FEVEREIRO	
MARÇO	
ABRIL	
MAIO	
JUNHO	
JULHO	
AGOSTO	
SETEMBRO	
OUTUBRO	
NOVEMBRO	
DEZEMBRO	

Você percebeu que alguns meses têm mais frutas que em outros?

Isso acontece porque algumas frutas aparecem mais no período do inverno, enquanto outras são mais vistas e colhidas no período do verão.



Olhe para o quadro que você acabou de preencher e responda:

Qual é o mês com maior variedade de frutas?

Sua fruta preferida ocorre em que época do ano?

EXISTEM MUITAS RECEITAS DE
DOCES E SOBREMESAS
PRA GENTE FAZER COM
ESSAS FRUTAS

A MINHA PREFERIDA É A RECEITA
DO SUPER CREME DE BACURI!
VAMOS APRENDER COMO SE FAZ?



INGREDIENTES

250 ML DE CREME DE LEITE FRESCO

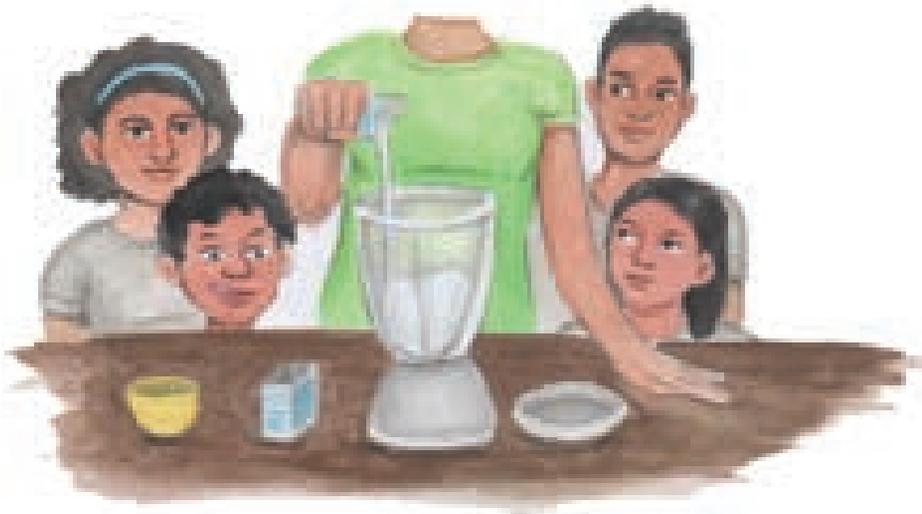
1 LATA DE LEITE CONDENSADO

500 G DE POLPA DE BACURI

2 CLARAS DE OVO

MODO DE FAZER

COLOQUE NO LIQUIDIFICADOR O CREME DE LEITE, O LEITE CONDENSADO,
A POLPA DE BACURI E BATA BEM!



DESPEJE O CREME BATIDO EM UM PRATO
E ADICIONE AS CLARAS EM NEVE,
MISTURANDO DELICADAMENTE ATÉ
QUE FIQUE CONSISTENTE.



COLOQUE EM VASILHAS E LEVE À GELADEIRA
POR DUAS HORAS. PRONTO! O LANCHE ESTÁ SERVIDO!

EM UMA RECEITA...

SE PRECISAMOS PESAR ALGO...

ENTÃO USAMOS GRAMAS (g) E QUILOGRAMAS (Kg)



SE PRECISAMOS CONTAR ALGO...
ENTÃO USAMOS UNIDADES DE MEDIDA!

LATAS,



COLHERES,



COPOS,



SE PRECISAMOS REPARTIR...
ENTÃO USAMOS AS FRAÇÕES!

METADE OU $\frac{1}{2}$,



UM TERÇO OU $\frac{1}{3}$



UM QUARTO OU $\frac{1}{4}$



SE PRECISAMOS USAR INGREDIENTES LÍQUIDOS...
ENTÃO USAREMOS LITROS E MILILITROS



A DIVERSIDADE EXISTE E NÓS DEVEMOS ACEITÁ-LA E RESPEITÁ-LA!

Não somos todos iguais, pelo contrário, temos diferenças e são estas diferenças que fazem com que o mundo seja bonito e diverso...



A diversidade é bela, e por isso precisamos respeitar nossos amigos e colegas! Não xingue, não machuque, não rejeite! Acolha, proteja, diga o quanto teu amiguinho é importante pra ti!



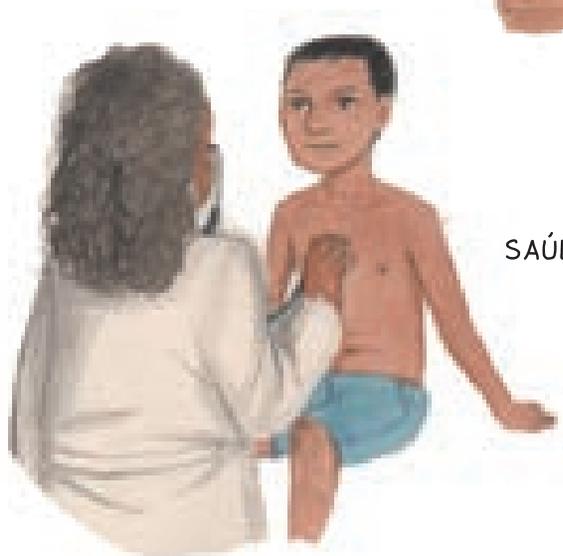
E INDEPENDENTE DA COR DA PELE,
TODA CRIANÇA TEM DIREITO A



EDUCAÇÃO E LAZER



MORADIA



SAÚDE

MÃOS QUE FALAM

NÓS USAMOS AS MÃOS PRA MUITA COISA, NÃO É VERDADE?

USAMOS AS MÃOS PARA CAÇAR E PESCAR...



USAMOS AS MÃOS PARA PREPARAR A NOSSA COMIDA...



AÇÁI AMASSADO DIRETO NA MÃO É TÃO GOSTOSO! HMMM



USAMOS AS MÃOS PARA ESCREVER, DESENHAR, PINTAR...



USAMOS AS MÃOS PARA REZAR...

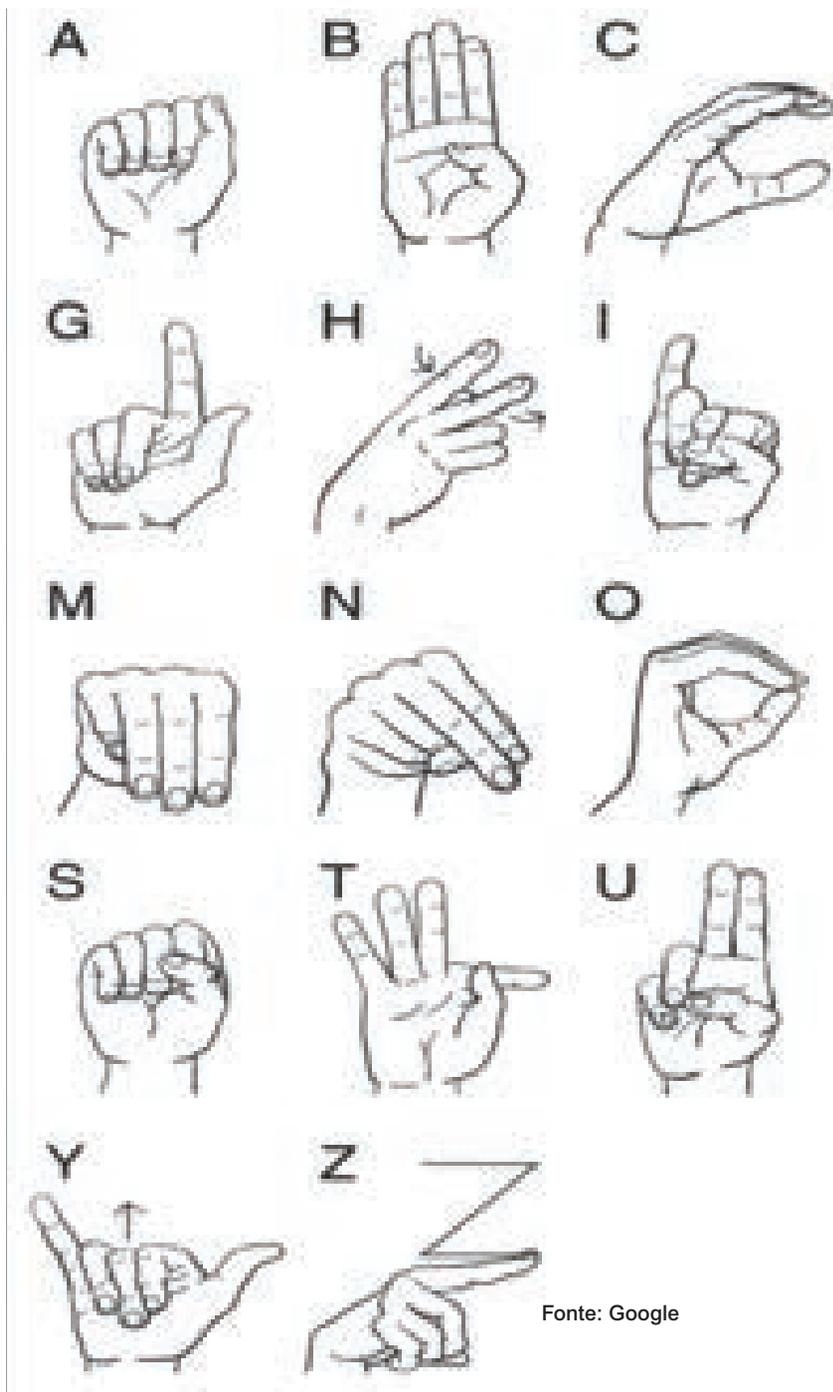


AS PARTEIRAS COM SUAS MÃOS FORTES E EXPERIENTES
AJUDAM VÁRIAS CRIANÇAS A NASCER!

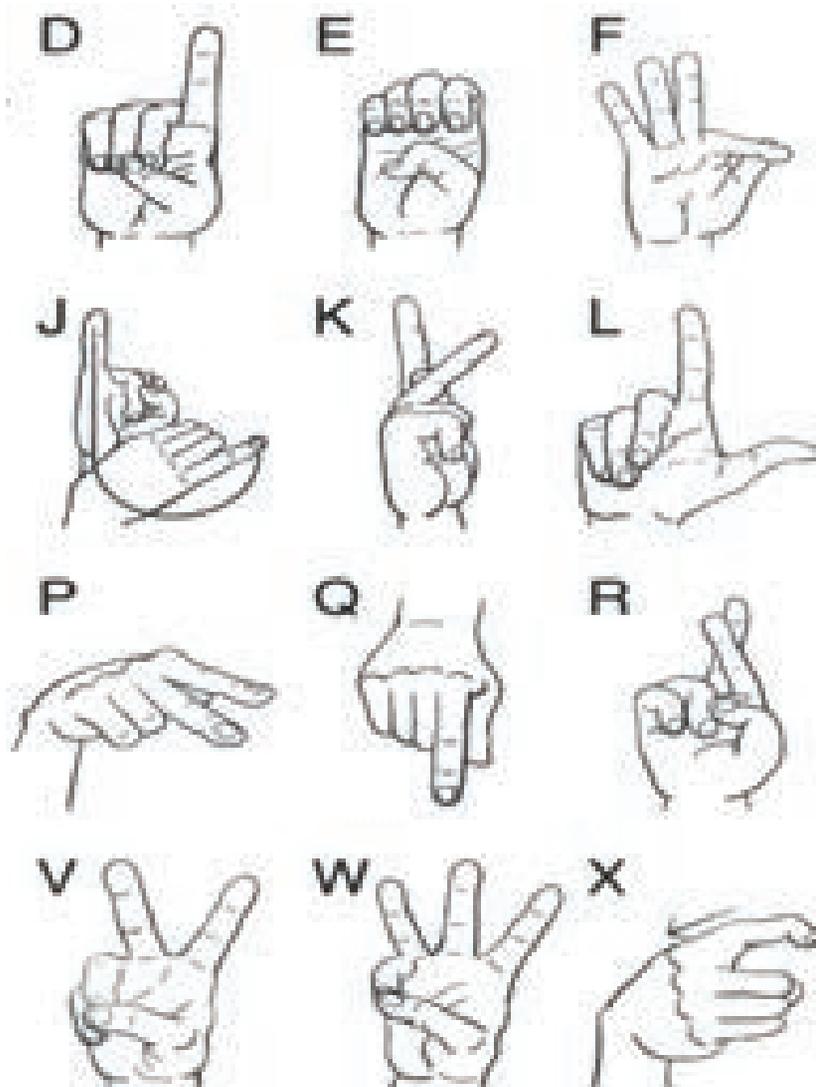


E AS MÃOS TAMBÉM PODEM SER USADAS PARA CONVERSAR!
SIM! CONVERSAR!

O NOME DA LINGUAGEM QUE UTILIZA AS MÃOS É LINGUAGEM DE SINAIS E
ELA NÃO É TÃO DIFÍCIL QUANTO PARECE! VEJA SÓ O ALFABETO!



TENTE SOLETRAR O SEU NOME NA LINGUAGEM DE SINAIS! COMPARE O SEU NOME COM O NOME DOS SEUS AMIGOS!



TUDO O MUNDO PODE USAR A LÍNGUA DE SINAIS PARA FALAR.
RESPEITAR TODAS AS FORMAS DE SE COMUNICAR É O NOSSO DEVER!

ABAYOMI

Isabel Cristina Silveira Soares

Abayomi, quem traz felicidade
Boneca conscientização
Encontro preciso
Brilho na escuridão

Do passado, meu presente
Identidade e história
Nasce do conhecimento
Que trago na memória!

Minha mãe tão distante
Em outro continente
Mas aqui nesta terra
Irmãos descendentes!

Da força deste nome
Que imprime qualidade
Integra a beleza negra
Com real dignidade!



JÁ TE CONTARAM A HISTÓRIA
DAS BONECAS ABAYOMI?
NÃO? ENTÃO VAMOS LÁ!



Quando os negros eram trazidos do continente Africano para serem escravizados no Brasil, as mães, para amenizarem as dores dos seus filhos, rasgavam partes de suas saias e faziam bonecas de tecido, para suas crianças brincarem!

Aqueles tecidos eram o que, naquele momento, as mães poderiam dar de melhor para os seus filhos. Então, presentear alguém com uma abayomi significa dar o que há de melhor em si para o outro! Peça a sua professora ou professor te contar mais sobre essa historinha.

As Abayomi eram feitas pelas mães para seus filhos, sendo assim, chame sua mãe ou pai para lhe ajudar nesta atividade! Utilize o espaço abaixo para fazer um desenho muito bonito da sua família! Lembre-se de fazer bem parecido com todos vocês!



SOU QUILOMBOLA SIM!

O quilombo é uma comunidade negra rural a qual os negros que foram escravizados no Brasil se refugiaram.

Eles fugiam dos maus tratos dos senhores no período colonial.



Podemos destacar o quilombo como um dos mais importantes meios de resistência ao escravismo. Localizavam-se afastados dos centros de colonização, logo, os quilombos se transformaram em prósperas comunidades, onde o negro encontrava refúgio e vivia do que cultivava na própria terra.

Hoje o quilombo representa resistência, autonomia e luta de um povo, que ao longo da história enfrentou os abusos dos senhores e contra a falta de liberdade!



VIVA O QUILOMBO!

ESTAMOS CHEGANDO AO
FINAL DA NOSSA JORNADA!
ESPERO QUE VOCÊ TENHA
SE DIVERTIDO E APRENDIDO BASTANTE!

MAS... QUE TAL SE A GENTE SE
DESPEDIR AO SOM DE UMA MÚSICA
BEM LEGAL DAQUI DAS NOSSAS
COMUNIDADES? AFASTEM AS
CADEIRAS E VAMOS DANÇAR UM

CARIMBÓ!



Carimbó do Rouxinol

Grupo Unidos do Marajó

Meu rouxinol canta noite e dia
No coqueiro do castelo de Maria

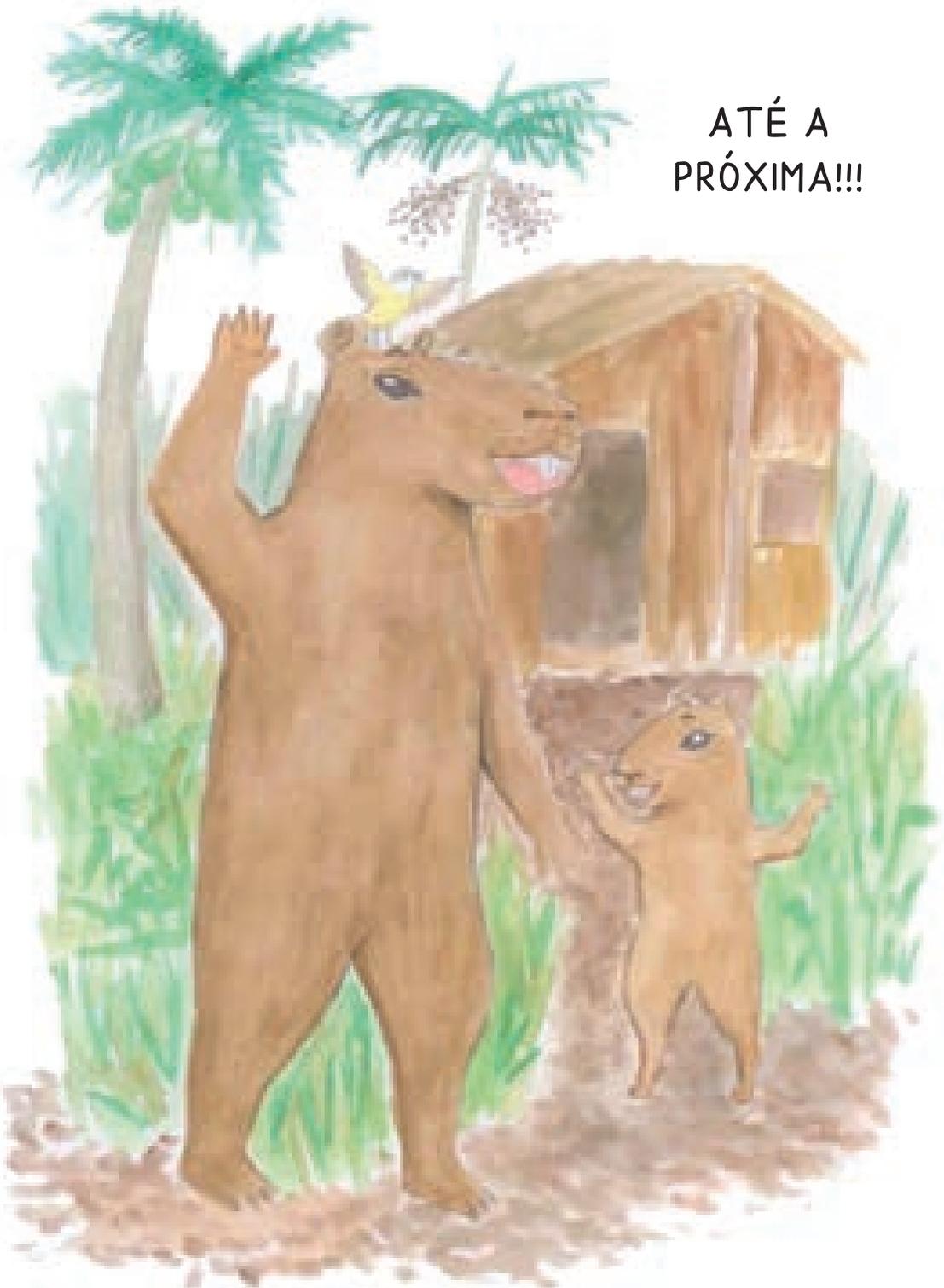
Meu rouxinol canta noite e dia
No coqueiro do castelo de Maria

Maria fica e enche de emoção
De ouvir o rouxinol cantar alegre seu coração

Maria não se importa de mandar o rouxinol embora
Quando o rouxinol não canta
Os olhos de Maria choram

Rouxinol manda um lençinho
Para Maria matar a saudade
Enxugar suas lágrimas
Enquanto os seus olhos choram

ATÉ A
PRÓXIMA!!!



SOBRE O LIVRO

Tiragem: 170 (Não comercializado)

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12,3 X 19,3 cm

Tipologia: Sketched 24/50 pt

Skechy 24/30/32 pt

Averia Serif 13 pt

Coyotris Comic 11,5/16/20 pt

Arial 8 pt

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)



ISBN 978-85-444-1947-2



9 788544 419472